

DA DESCOBERTA DO VÍRUS À CURA DA HEPATITE C

No passado 5 de outubro recebemos, com grande emoção, a notícia da atribuição do Prémio Nobel da Medicina a Harvey J. Alter, Charles M. Rice e Michael Houghton pela descoberta do vírus da hepatite C. Um prémio francamente merecido e há muito esperado por toda a comunidade internacional do VHC.

O momento da descoberta do vírus da hepatite C, em 1989, foi o ponto de partida para tudo o que se seguiria. Foi esta descoberta que permitiu que empresas farmacêuticas como a AbbVie pudessem investigar e desenvolver novas opções terapêuticas para o tratamento da hepatite C. Foi um primeiro passo para que finalmente fosse possível alcançar a cura, fazendo da hepatite C o primeiro vírus oncogénico que o Homem é capaz de curar.

E é precisamente a possibilidade da cura que hoje nos permite ambicionar um projeto ainda maior: a eliminação da hepatite C, meta que a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu tendo 2030 como horizonte temporal. Depois de tudo o que foi feito ao longo das últimas décadas, é o que nos falta alcançar e a verdade é que há ainda muito por fazer...

Infelizmente, numa altura de pandemia, marcada por um outro vírus bem menos silencioso, temos assistido a uma despriorização do tema da hepatite C no contexto político. Que a atribuição do Prémio Nobel da Medicina sirva para recentrar esforços na hepatite C, que continua a ser um grave problema de Saúde Pública a nível mundial e que continua fazer vítimas.

Falando especificamente de Portugal, podemos orgulhar-nos de termos sido pioneiros ao proporcionar tratamento para todos os portugueses que dele necessitem. Esta mudança de paradigma fez do nosso país um caso paradigmático e exemplar, muitas vezes usado como referência pelos especialistas internacionais. Apesar de este ter sido um passo decisivo, que permitiu a cura de milhares de portugueses, sabemos ao dia de hoje que o acesso universal ao tratamento não é suficiente para atingir a meta da OMS.

O objetivo de eliminar a hepatite C até 2030 só será concretizado se existir uma estratégia clara de combate à hepatite C, que permita diagnosticar as muitas pessoas que estão ainda por tratar e que, estima-se, rondam os 40 mil. É necessário realizar mais testes para encontrar todos os doentes com hepatite C, uma doença silenciosa, que na grande maioria dos casos não manifesta sintomas. E é importante procurar estes doentes não só nos grupos de risco, mas também sensibilizar todas as pessoas a realizarem o teste pelo menos uma vez na vida, pois todos podem ter tido um comportamento de risco em algum momento.

Feito o diagnóstico, persistem ainda muitas outras barreiras e numerosos gaps na cascata de tratamento. No caso das populações de maior risco, como as pessoas que usam ou usaram drogas, uma das maiores



dificuldades está na ligação aos cuidados de saúde. Falamos de pessoas que muitas vezes não consultam um médico há largos anos e que não sabem como se mover num sistema de saúde por vezes pouco acessível e algo burocrático. Nenhum doente pode ficar para trás e não há outra forma de chegar à eliminação em 2030 que não a descentralização e promoção de maior acessibilidade aos cuidados médicos e tratamentos.

Acreditamos genuinamente que a chave para a eliminação da hepatite C está no desenvolvimento e implementação de projetos de micro-eliminação. Projetos que consistem em perseguir o objetivo da eliminação em populações e geografias específicas, através de intervenções colaborativas desenhadas para suprir as necessidades particulares dessas populações. Nesse sentido, a AbbVie apoia mais de 300 projetos de micro-eliminação em todo o mundo, que têm permitido levar cuidados de saúde para o seio da comunidade, numa abordagem de proximidade.

Em Portugal, temos trabalhado com diversas organizações de base comunitária que todos os dias trabalham incansavelmente para ajudar pessoas em situação desfavorecida a identificar e resolver este problema de saúde. São exemplo o Ares do Pinhal, GAT, Abraço, AJPAS, apenas para citar algumas dessas organizações. E é espantoso como a vontade de fazer e o início da execução de muitos desses projetos são frequentemente anteriores à existência de apoios, públicos ou privados, o que só mostra a importância do acreditar, e do espírito de sacrifício e iniciativa dos seus líderes e colaboradores. Importa destacar ainda o papel de muitos profissionais de saúde de diferentes instituições, que por este país fora, contornando ineficiências do sistema, contactam e interagem proactivamente para a facilitação do acompanhamento destes doentes. São exemplo as comunicações estabelecidas entre clínicos dos hospitais e dos centros de apoio à dependências. É importante que nos dias que correm se reforce este trabalho em rede e articulado, pois todos conhecemos esta tendência que a pandemia tem, de nos colocar mais isolados.

Cerca de 30 anos passados desde a descoberta do vírus, Portugal dispõe hoje da arma que nos vai permitir eliminar hepatite C: a cura. Uma arma imprescindível, porém insuficiente. Estamos conscientes de que a eliminação da hepatite C precisa de ciência, mas também do envolvimento de toda a sociedade. Da nossa parte, na AbbVie, estamos profundamente empenhados em trabalhar com toda a comunidade de modo a encontrar soluções sustentáveis que permitam que mais doentes sejam diagnosticados, ligados aos cuidados de saúde e tratados no menor espaço de tempo possível. Juntos, podemos eliminar a hepatite C até 2030.